



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

VI Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

GT 4 – Mundo Antigo, Medieval e Religião

Eusébio de Cesareia: Questionamentos sobre a história dos cristianismos no Egito

Tercio Campana Beccati ¹

Resumo: Este trabalho propõe uma visão crítica para o início do centro cultural e religioso cristão de Alexandria no Egito descrita por Eusébio de Cesareia. O objetivo é apresentar questionamentos sobre a dispersão dos cristianismos em comunidades cristãs no Egito em oposição a uma narrativa ortodoxa tradicional. A abordagem metodológica se baseia na análise textual de Eusébio de Cesareia em sua obra *História Eclesiástica*. O estudo faz parte de uma pesquisa maior de dissertação de mestrado sobre os primeiros séculos das igrejas cristãs egípcias. Ao longo dos séculos a narrativa sobre o cristianismo no Egito partiu de uma série de mitos contidos na obra de Eusébio que mesmo escrevendo séculos após os eventos narrados e não tendo respaldo nenhum factual ainda hoje é assumida e divulgada como uma cronologia válida para a história do Egito cristão. Este trabalho, portanto, procede a uma desconstrução crítica dessa narrativa, utilizando bibliografia recente e buscando um novo entendimento sobre a história do cristianismo no Egito.

Palavras-Chaves: Cristianismos. Egito. Antiguidade cristã.

¹ Graduado em História na UEL e Mestre em História Social na UEL. E-mail de contato: tcbeccati@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Egito cristão é um assunto muito caro para a teologia cristã, em especial ao campo teológico chamado de *Patrologia*. Ou seja, o estudo sobre os *Pais da Igreja*. E esse interesse sobre o Egito cristão está diretamente relacionado com os debates religiosos encabeçados por líderes religiosos em divergência no Egito. O embate mais importante aconteceu entre Ário e Atanásio no início do quarto século sobre a natureza de Cristo. A partir desse debate um concílio de bispos se reuniu com a intervenção do imperador romano para solucionar a questão e demais assuntos importantes para a igreja na época. No concílio de Niceia, o chamado arianismo foi condenado e um símbolo de fé foi criado para erradicar desvios de crenças. Porém, a temática do debate não era uma novidade para o cristianismo egípcio. Alguns líderes cristãos já pensavam sobre temáticas correlatas como Basílides (120-140 E.C.), Valentino (100-161 E.C.), Clemente de Alexandria (150-215 E.C.) e Orígenes de Alexandria (185-254 E.C.). Esses líderes têm em comum a origem alexandrina de seus estudos, e é muito provável que o ambiente cosmopolita da cidade tenha de fato influenciado o pensamento cristão local. Alexandria, localizada no norte do Egito, era um importante porto comercial e rota comum para as viagens da época. A cidade abrigava diversos grupos culturais mediterrânicos ao mesmo tempo, como judeus da diáspora, gregos, romanos, além da população egípcia. Nesse cenário de efervescência religiosa e intelectual, figuras como Fílon de Alexandria emergem como exemplos de uma diversidade cultural que impulsionou o debate religioso. Fílon, um judeu egípcio falante do grego, instruído na filosofia grega e profundo conhecedor das escrituras judaicas é um importante ponto para o desenvolvimento das teologias alexandrinas futuras. A obra de Fílon, que buscava conciliar a tradição judaica com a filosofia grega, demonstra a permeabilidade das fronteiras entre diferentes tradições de pensamento. Fílon pretende explicar de forma filosófica grega os ensinamentos e pensamentos das escrituras judaicas. Mesmo que nunca tenha se convertido ao cristianismo, Fílon é muito importante para os cristianismos posteriores por dar uma base argumentativa sobre as escrituras de forma semelhante ao pensamento grego. De forma parecida, os intelectuais cristãos começam a desenvolver seus pensamentos dentro do molde grego e a elaborar complexas tramas lógicas para explicar elementos da fé. Assim, a cidade de Alexandria passa a ter um certo protagonismo nos debates dos primeiros séculos. Mesmo que, depois do concílio de Calcedônia, o Egito tenha ficado fora da comunhão ortodoxa, ainda os pensamentos frutos desse emaranhado cultural alexandrino

permaneceram influenciando o pensamento cristão. Clemente e Orígenes são assuntos muito presentes nas discussões da cristologia. Mesmo que para desmentir os argumentos, é impossível para a ortodoxia ignorar o pensamento alexandrino.

Este trabalho se debruça sobre um período importante e paradoxalmente obscuro da história dos cristanismos: os primeiros séculos da era comum, em Alexandria, no Egito. Longe de buscar uma "origem pura" ou uma "essência" do cristianismo egípcio, propomos uma desconstrução da narrativa ortodoxa que, a partir de Eusébio de Cesareia, no século IV, buscou impor uma visão linear, homogênea e hierárquica do desenvolvimento dessa tradição religiosa.

A *História Eclesiástica* de Eusébio, é a obra fundamental para o estudo do cristianismo antigo, pois além de ser a primeira a organizar uma narrativa completa, ela registra uma imagem de Alexandria como um centro de ortodoxia desde os tempos apostólicos, com uma sucessão ininterrupta de bispos e uma "Escola Catequética" dedicada à transmissão da "verdadeira fé". Deste modo, o objetivo principal deste trabalho é analisar a narrativa de Eusébio sobre os primeiros séculos dos cristanismos egípcios, propor alternativas à narrativa eusebiana, visando possibilitar que pesquisas futuras possam evitar com maior facilidade as armadilhas conceituais ortodoxizantes cunhadas por Eusébio e continuadas ao longo dos séculos sobre o assunto.

EUSÉBIO

Eusébio de Cesareia ficou marcado como o “pai da história da igreja”, um título que é bastante contestado justamente pelas imprecisões e até algumas invenções contidas em sua obra *História Eclesiástica*. Porém, se pensarmos no sentido de criador e criatura o título não ficaria tão distante de uma realidade. A obra de Eusébio, sem dúvida, se tornou ao longo dos séculos a versão oficial de várias narrativas cristãs. É muito difícil que algum historiador faça uma pesquisa sobre os primeiros séculos do cristianismo sem passar por Eusébio. A importância e relevância do texto de Eusébio é enorme, principalmente pelo registro de passagens e trechos de obras que são consideradas perdidas. Eusébio teve livre acesso à biblioteca de Cesareia que tinha em sua coleção uma generosa gama de cópias de diversos textos. A tradição erudita da cidade teria se iniciado com Orígenes

A tradição de erudição que ele (Orígenes) inaugurou durante sua residência de vinte anos aqui (Cesareia) (231-50) foi continuada por Pânfilo (309). Ao adicionar à coleção de manuscritos de Orígenes, ele criou uma biblioteca que

era superada apenas pela de Alexandria. Em 630, essa biblioteca tinha 30.000 volumes. Seu pupilo Eusébio (260-340), que se tornou bispo de Cesareia em 314, é tanto o primeiro historiador da igreja quanto o primeiro geógrafo bíblico. Sem o seu *Onomasticon*, muitos locais bíblicos nunca teriam sido identificados (MURPHY-O'CONNOR, 1980, p.161-162, Tradução nossa).

Assim Eusébio geralmente é retratado, o primeiro historiador da igreja, com obras muito importantes, continuação da linhagem intelectual de Orígenes e com acesso a biblioteca de Cesareia. Todos esses elementos são muito importantes para a composição da *História Eclesiástica* de Eusébio e serão retomados mais adiante.

A maneira de registrar a história da igreja por Eusébio foi muito importante pois era um modelo muito próximo ao formato romano de registro, o que explicaria sua disseminação posterior. Eusébio é a única fonte para uma série de eventos que teriam acontecido nos primeiros séculos do Egito cristão. É importante mencionar que o autor faz todos esses registros no século IV, em meio ao pico dos conflitos ortodoxos do cristianismo. Quando Eusébio está compondo a sua obra, ele está ao mesmo tempo tentando legitimar o próprio ensinamento que teve e que divulgava na época. Eusébio é parte profundamente interessada em sustentar a legitimidade e continuidade da sede cristã em Alexandria. Podemos ter uma noção das intenções do autor na própria obra onde no prólogo do livro I da *História Eclesiástica* o autor diz

É meu propósito consignar as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos desde nosso Salvador até nós; o número e a magnitude dos feitos registrados pela história eclesiástica e o número dos que nela se sobressaíram no governo e presidência das igrejas mais ilustres, assim como o número daqueles que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os embaixadores da palavra de Deus; e também quantos, quais e quando, absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram publicamente a si mesmos introdutores de um mal-chamado saber e devastaram sem piedade, como lobos cruéis, o rebanho de Cristo; e mais, inclusive as desventuras que se abateram sobre toda a nação judia depois que concluíram sua conspiração contra nosso Salvador, assim como também o número, o caráter e o tempo dos ataques dos pagãos contra a divina doutrina, e a grandeza de quantos por ela, segundo a ocasião, enfrentaram o combate em sangrenta tortura; também os martírios de nosso próprio tempo e a proteção benévola e propícia de nosso Salvador. Ao empreender a obra não tomarei outro ponto de partida que o princípio dos desígnios de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus (*História Eclesiástica*, prólogo, 1-2).

A declaração do autor é bem clara e direta sobre as intenções de sua obra. Eusébio queria com sua obra *consignar as sucessões dos santos apóstolos*; também os que *se sobressaíram no governo e presidência das igrejas mais ilustres*; bem como os *que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os embaixadores da palavra de Deus*. O autor

também menciona que quer registrar os desviantes, ou seja, aqueles que *absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram publicamente a si mesmos introdutores de um mal-chamado saber*. Em suma, Eusébio está propondo uma obra que registra os verdadeiros cristãos, os bispos em sucessão apostólica e que fará isso dentro dos *designios* de Cristo. Em essência, é uma historiografia ortodoxizante, ou seja, um registro e análise de uma sucessão de eventos selecionados pelo próprio autor no qual ele afirma que aqueles são os eventos verdadeiros sobre a fé verdadeira em Cristo. Logo, ao lidar com a obra de Eusébio, devemos sempre entender que desde o prólogo as intenções já estão postas e assim devemos ter um cuidado especial com o que Eusébio está propondo, uma vez que o autor tem a intenção de padronizar esses séculos por ele registrados dentro de uma lente ortodoxa.

EUSÉBIO E OS BISPOS DO EGITO

O Egito é muito importante para a visão ortodoxa de Eusébio, uma vez que seus ensinamentos descenderiam diretamente de Orígenes que veio de Alexandria. E o autor vai empenhar boa parte de sua obra legitimando Orígenes como um verdadeiro mestre cristão e validando Alexandria como uma verdadeira sede apostólica cristã. Assim, Eusébio registra pela primeira vez Alexandria em sua obra

Dizem que este Marcos foi o primeiro a ser enviado ao Egito (*Τοῦτον δὲ Μάρκον πρῶτον φασιν ἐπὶ τῆς Αἰγύπτου στείλᾶμενον*), e que ali pregou o Evangelho que ele havia posto por escrito (*τὸ εὐαγγέλιον, ὃ δὴ καὶ συνεγράψατο, κηρῶναι*) e fundou igrejas, começando pela de Alexandria (*ἐκκλησίας τε πρῶτον ἐπ' αὐτῆς Ἀλεξανδρείας συστήσασθαι*).

E surgiu ali, na primeira tentativa, uma multidão de crentes, homens e mulheres, tão grande e com um ascetismo tão conforme a filosofia e tão ardente, que Fílon achou que era digno colocar por escrito suas práticas, suas reuniões, suas refeições em comum e tudo o mais referente ao seu modo de vida (*História Eclesiástica*, II, 16 Tradução nossa).

Segundo Eusébio, Marcos teria fundado várias igrejas começando pela igreja de Alexandria. Tal afirmação é bastante improvável² de ser validada, porém alguns elementos dela são interessantes. Pearson (1986) afirma

a tradição da associação de São Marcos com o cristianismo primitivo no Egito remonta ao segundo século e pode ter origem ainda antes. A historicidade

² O assunto é bastante complexo e denso. Esse debate já foi aprofundado por vários autores. Há um capítulo de dissertação dedicado a essa temática, que pode ser um início para futuros debates sobre o assunto em BECCATI, 2025.

dessa tradição, embora improvável, não deve ser descartada. De fato, a tradição da pregação de Marcos em Alexandria pode ser anterior à aceitação do Evangelho canônico de Marcos na igreja de Alexandria. E mesmo que reconheçamos, como devemos, que Eusébio estava errado ao conectar a comunidade judaica dos *Therapeutae* com os primeiros convertidos de Marcos, devemos, no entanto, reconhecer que ele estava correto ao enfatizar que os "homens apostólicos" dos dias de Fílon e Marcos eram "de origem hebraica e, portanto, ainda preservavam a maioria dos costumes antigos de maneira estritamente judaica". Provavelmente não foi até o início do segundo século que os cristãos surgiram como um grupo, ou grupos, distintos da comunidade judaica (PEARSON, 1986, p.144-145 Tradução nossa).

Pearson (1986) não descarta totalmente a hipótese de Marcos, ou pelo menos o Evangelho de Marcos chegar no Egito no primeiro século, porém outros elementos que ele debate nesse trecho são importantes. Eusébio menciona os *Therapeutae* fazendo associação direta entre esse grupo e os primeiros cristãos da região. O próprio Pearson (1986) já descarta essa possibilidade, uma vez que esse grupo existia antes e continuou existindo depois sem nenhuma relação direta com o cristianismo. Porém, Pearson (1986) menciona a dificuldade em separar até o segundo século judeus e cristãos, muito provavelmente esses grupos não eram tão bem definidos como Eusébio pretendeu registrar. Na verdade, a separação direta entre esses grupos poderia muitas vezes nem existir, revelando assim uma alternativa mais orgânica da chegada do pensamento cristão nessas comunidades. As primeiras ideias de Jesus e seus seguidores provavelmente foram difundidas dentro de comunidades judaicas por judeus para judeus. Heever afirma

Embora não existam dados concretos e precisos para uma identificação histórica da formação de um cristianismo egípcio alexandrino, nessa conexão com os movimentos batistas judeus há uma indicação de que o cristianismo se enraizou no Egito no contexto de uma população judaica alexandrina amplamente variada em processo de redefinição social e religiosa e de formação de identidade (HEEVER, 2016, p.4-5 Tradução nossa).

Entretanto vários autores descartam completamente a possibilidade de Marcos ter chegado ao Egito e criado comunidades ainda no século I, é o caso de Heever (2016) e Griggs (2000) que tratam essa questão como uma espécie de mito que se perpetuou. Porém, para uma visão ortodoxa, a comunidade de Alexandria sendo fundada por Marcos traria uma legitimidade enorme para o cristianismo local. Eusébio continua seu registro

Transcorrendo o oitavo ano do império de Nero (Νέρωνος δὲ ὄγδοον ἄγοντος τῆς βασιλείας ἔτος), o primeiro depois de Marcos o evangelista (πρῶτος μετὰ Μάρκον τὸν εὐαγγελιστὴν) que recebeu em sucessão o governo da igreja de Alexandria foi Aniano (τῆς ἐν Ἀλεξανδρείᾳ παροικίας Ἀννιανὸς τὴν λειτουργίαν διαδέχεται) (*História Eclesiástica*, II, 24. Tradução nossa).

Nesse trecho, Eusébio atribui a Marcos mais uma afirmação extraordinária. Marcos governou a igreja de Alexandria e teve um sucessor. Assim, segundo o autor ainda no século I em Alexandria, Marcos governou a comunidade e teve um bispo sucedendo seu governo na igreja local. É uma afirmação bastante curiosa, uma vez que como já comentamos anteriormente não era possível nem distinguir comunidades cristãs de comunidades judaicas nesse momento histórico, menos ainda seria ter um bispo (nos moldes do bispo do século IV em que Eusébio escreve) governando uma igreja e tendo uma espécie de sucessão apostólica ocorrendo. Esse trecho certamente é um reflexo do pensamento do próprio autor sobre como seria uma comunidade cristã. No século IV esse era um assunto bastante recorrente entre os líderes cristãos. A sucessão apostólica, a centralização da comunidade na autoridade dos bispos e demais assuntos correlatos foram amplamente debatidos dentro das comunidades. Assim, Eusébio levou uma questão de seu tempo para o século I, distorcendo completamente a realidade do primeiro século. E assim Eusébio segue listando os bispos posteriores a Marcos, formando uma sucessão apostólica

No quarto ano de Domiciano morre Aniano, primeiro bispo da igreja de Alexandria, após haver completado vinte e dois anos, sucede-o Abílio como segundo bispo (*História Eclesiástica*, III, 14).

Depois de Nerva imperar pouco mais de um ano, foi sucedido por Trajano. Corria o primeiro ano deste quando Cerdon sucedeu a Abílio, que havia regido a igreja de Alexandria durante treze anos. Cerdon era o terceiro dos que ali exerceram a presidência depois do primeiro, Aniano. Neste tempo os romanos eram ainda regidos por Clemente, que também ocupava o terceiro lugar dos que ali foram bispos depois de Paulo e Pedro. O primeiro foi Lino, e depois dele, Anacleto (*História Eclesiástica*, III, 21).

E deste modo Eusébio vai montando a sucessão apostólica de Alexandria e de várias outras regiões. Inserções curtas, brevemente comentadas e sem nenhuma referência ou procedência anunciada da informação. Por isso é muito difícil assumir a lista de Eusébio como verdadeira. A maioria dos bispos citados não tem muito mais do que uma frase descrevendo a sua sucessão e governo. No caso de Marcos, que oferece mais descrição e corpo à informação, é muito improvável que se trate de uma realidade, principalmente pelo relato confundir a comunidade citada por Fílon. Assim, a sucessão de bispos apresentada por Eusébio não consegue se firmar e os nomes dos primeiros líderes cristãos de Alexandria não podem ser confirmados. Porém a lista de Eusébio segue listando bispos até o século IV.

EUSÉBIO E A ESCOLA CATEQUÉTICA DE ALEXANDRIA

Para além da sucessão apostólica de Alexandria, Eusébio, também faz uma espécie de sucessão intelectual dos mestres de Alexandria. Essa continuidade se apresenta em uma escola cristã, ou seja, a escola catequética de Alexandria. Tal escola seria a responsável pela educação dos religiosos locais e teria formado diversos intelectuais importantes para o cristianismo. Entre esses intelectuais os que mais interessam para Eusébio são Clemente e Orígenes que têm ligação direta com a própria formação de Eusébio. Porém, essa narrativa construída por Eusébio precisa ser analisada com cuidado como Litwa (2024) aponta

9

Eusébio tinha muitos objetivos ao escrever sua *História Eclesiástica*. Um deles era definir aqueles que ele considerava cristãos - relatar sua história e desqualificar certos concorrentes como “lobos selvagens” (Atos 20:29). Às vezes, Eusébio mencionava esses concorrentes - pessoas como Simão de Samaria, Basílides, Marciano e Carpócrates. No entanto, existem várias figuras - e várias figuras distintamente alexandrinas - que Eusébio não mencionou de forma alguma. Pode-se procurar em vão, por exemplo, por Isidoro (filho de Basílides), Epifânio (filho de Carpócrates), Marcelina (discípula de Carpócrates), Pródico e Júlio Cassiano. Também é significativo que Eusébio tenha omitido Ptolomeu e Heracleon (discípulos de Valentino), que parecem ter passado um tempo em Alexandria. Todas essas figuras estão faltando - apesar do fato de que Eusébio as conhecia por meio de suas leituras de Irineu e Clemente (Litwa, 2024, p.6-7. Tradução nossa).

Assim, a narrativa eusebiana sobre a intelectualidade alexandrina provavelmente está deliberadamente incompleta. Eusébio elenca alguns nomes e oculta outros e não sabemos exatamente os motivos por trás disso. Pode estar relacionado a alguma questão doutrinal onde os personagens não estariam na régua de Eusébio, ou por qualquer motivo que fosse não teriam ligação direta com o fio condutor da narrativa.

Eusébio apresenta a escola da seguinte forma

Naquele tempo a escola dos fiéis dali era dirigida (Ἦγεῖτο δὲ τηνικαῦτα τῆς τῶν πιστῶν αὐτόθι διατριβῆς) por um varão celeberrimo por sua instrução (ἀνὴρ κατὰ παιδείαν ἐπιδοξότατος), cujo nome era Panteno (ὄνομα αὐτοῦ Πάνταινος). Existia entre eles, por costume antigo, uma escola das sagradas letras (ἐξ ἀρχαίου ἔθους διδασκαλείου τῶν ἱερῶν λόγων παρ’ αὐτοῖς συνεστῶτος). Esta escola continua prolongando-se até nós e, pelo que ficamos sabendo, é formada por homens eloquentes e estudiosos das coisas divinas (ὁ καὶ εἰς ἡμᾶς παρατείνεται καὶ πρὸς τῶν ἐν λόγῳ καὶ τῇ περὶ τὰ θεῖα σπουδῇ δυνατῶν συγκροτεῖσθαι παρειλήφμεν). Mas uma tradição afirma que entre os daquela época brilhava sobremaneira o mencionado Panteno (ἐν δὲ τοῖς μάλιστα κατ’ ἐκεῖνο καιροῦ διαλάμπει λόγος ἔχει τὸν δεδηλωμένον). E procedia da escola filosófica dos chamados estóicos (οἷα καὶ ἀπὸ φιλοσόφου ἀγωγῆς τῶν καλουμένων Στωϊκῶν ὠρμημένον) (*História Eclesiástica*, V, 10).

Eusébio apresenta a escola como formada por homens eloquentes e estudiosos e como seu diretor Panteno. Segundo Eusébio essas informações vêm de uma tradição antiga que ele teve acesso. Ainda sobre a tradição Eusébio afirma

Conta-se pois, que demonstrou um zelo tão grande pela doutrina divina com sua ardente disposição de ânimo, que inclusive foi proclamado arauto do Evangelho de Cristo para os pagãos do Oriente e enviado até as terras Índias. Porque havia, sim, até aquele tempo ainda numerosos evangelistas da doutrina, cuja preocupação era colocar à disposição seu inspirado zelo de imitação dos apóstolos para crescimento e edificação da doutrina divina.

Destes foi também Panteno, e diz-se que foi à Índia, onde é tradição que descobriu que o Evangelho de Mateus havia-se adiantado à sua chegada entre alguns habitantes do país que conheciam Cristo: Bartolomeu, um dos apóstolos, teria pregado para eles e havia-lhes deixado o escrito de Mateus nos próprios caracteres hebreus, escritos que conservavam até o tempo mencionado.

Certo é, ao menos, que Panteno, por seus muitos merecimentos, terminou dirigindo a escola de Alexandria, comentando de viva voz e por escrito os tesouros dos dogmas divinos (*História Eclesiástica*, V,9).

Deste modo, Panteno além de um filósofo por formação, também é um missionário que foi muito longe desempenhar sua missão. Ao final do trecho, Eusébio afirma que Panteno dirigiu a escola de Alexandria. De acordo com Annewies Van Den Hoek (1997), o termo "διδασκαλεῖον" (*didaskaleion*), usado por Eusébio para descrever a Escola de Alexandria, significa "escola" ou "lugar de ensino" e é genérico. Em oposição, Clemente de Alexandria preferia usar "παιδαγωγός" (*paidagogós*) para se referir a si mesmo e "διδάσκαλος" (*didaskalos*) para o Cristo. Hoek (1997), entende que a ideia de uma escola formal, institucional é provavelmente posterior e que a formalização se deu de forma muito mais orgânica e essa diferença de termos provavelmente vem dessa transição.

Em sua análise, Kyriacou (2023) examina como o aprendizado cristão em Alexandria se institucionalizou, resultando na criação da Escola Catequética. Ele sugere que a formação da Escola foi um processo que conectou dinâmicas culturais, intelectuais e eclesiais mais amplas e não se restringiu eventos locais. Para Kyriacou (2023), a Escola se tornou gradualmente subserviente à autoridade do bispo junto com um movimento de centralização de poder nos bispos locais. Deste modo, principalmente sob Demétrio e Heraclas, a escola foi essencial para consolidar o poder episcopal em Alexandria. Kyriacou (2023) entende como crucial a indicação de Orígenes como o único catequista oficial após a perseguição de 202 E.C., o que representou a passagem de um sistema de várias "casas-escola"

para uma única instituição controlada pelo bispo. Logo, a escola que Eusébio descreve no século IV não necessariamente é a mesma instituição que a tradição que ele registra sobre Panteno. Não parece ter existido uma única ‘escola’ em Alexandria até ser unificado o ensino em Orígenes.

Quando Panteno chegou em Alexandria (por volta de 180 d.C.), havia pelo menos oito "escolas" conhecidas de pensamento cristão que estavam presentes ou já haviam existido em Alexandria (Basilidiana, Valentiniana, Marcionita, Eugnostana, Carpocraciana, Prodiciana, Cassiana e Naassena). A escola de Panteno não era mais institucionalizada ou mais conhecida entre 180 e 200 d.C. Se havia uma conexão institucional entre as escolas de Panteno - e, mais tarde, de Clemente - e a instituição posteriormente consolidada sob Demétrio é uma questão em aberto (Litwa, 2024, p.177).

11

Litwa (2024) reforça essa diversidade de centros em Alexandria que poderiam da mesma forma serem chamados de Escolas Catequéticas. Assim a escolha de uma única escola que estaria ligada ao bispo e que este estaria governando a fé local, transmite muito mais uma realidade do século IV e não do segundo século.

Partindo de Pearson (1986), van den Hoek (1997), Griggs (2000), Heever (2016), Kyriacou (2023) e Litwa (2024), notamos claras diferenças entre a Alexandria descrita por Eusébio e a Alexandria dos primeiros séculos. E justamente nessas diferenças podemos notar as características do século IV em que Eusébio está escrevendo sua obra. Griggs (2000) reforça a ideia de pluralidade

Nenhum argumento pode ser apresentado e defendido que mostre que a unidade doutrinária ou eclesiástica na igreja cristã definitivamente era uma grande preocupação no primeiro e no início do segundo século no Egito. Este argumento é geralmente assumido, mas sua presença no Egito não pode ser estabelecida antes de Irineu, que afirmou que um herege é definido como alguém que ensina doutrinas diferentes e Irineu inclui o Egito em seu catálogo geográfico de igrejas, mas tal retrato da unidade como o teste de correção é claramente idealista em vez de realista (Griggs, 2000, p. 46).

Para Griggs (2000), o que entendemos atualmente por pensamento ortodoxo, ou melhor, autoproclamado ortodoxo não existiu no Egito até pelo menos o meio do segundo século. E isso se encaixa muito bem com a proposta de Litwa (2024) de vários centros de ensino atuando de forma independente. Múltiplas escolas, múltiplos cristianismos em uma única Alexandria. Deste modo, os grandes pensadores do cristianismo alexandrino provavelmente tiveram formações diversas, por perspectivas diversas. Explicando assim a diversidade de pensamentos que surgiram na região sem a necessidade de uma única escola catequética.

Tornando a Alexandria registrada por Eusébio um reflexo idealista e não um registro sobre o Egito do século I-II.

CONCLUSÃO

Os primeiros séculos de cristianismo no Egito são quase o oposto do apresentado por Eusébio. A *História Eclesiástica* apresenta uma fé apostólica unificada, que descenderia diretamente de comunidades fundadas por um evangelista. As comunidades do Egito estariam unidas e centralizadas no bispo de Alexandria que sucederiam o próprio evangelista Marcos. Nessa Alexandria eusebiana, existiu uma única escola que formou vários intelectuais importantes para o pensamento cristão e que esses estiveram sempre sob o controle do bispo local. Já a literatura mais recente sobre os primeiros séculos do cristianismo no Egito revela um cenário muito mais plural e orgânico onde a fé cristã começou a ser difundida dentro da comunidade judaica local e foi se expandindo de forma descentralizada. Nessa Alexandria, vários intelectuais independentes pregaram suas ideias que eram bastante diversas entre si. No terceiro século começa uma centralização na pessoa do bispo local e aí os conflitos ortodoxos começam a ter protagonismo até chegar ao seu ápice no século IV, momento no qual Eusébio está escrevendo. Justamente a Alexandria proposta por Eusébio se apresenta como uma resposta para as questões da época do autor. Uma sucessão apostólica clara e bem definida, com uma escola centralizada e ortodoxa de ensinamentos cristãos mesclados com a filosofia grega da época e descendente de grandes homens dentro da fé e da filosofia.

Como demonstrado ao longo deste trabalho, Eusébio criou no imaginário cristão uma Alexandria muito distante da realidade dos primeiros séculos. A visão de Eusébio se consolidou e moldou o pensamento histórico sobre os cristianismos no Egito, tornando a investigação sobre o assunto bastante sinuosa. Diversos assuntos abordados por Eusébio sobre os séculos I, II e III são na verdade projeções de uma realidade do século IV a partir da visão de um bispo que busca legitimar sua sucessão e autoridade. A grande armadilha conceitual está justamente nesse distanciamento: estudar os dois primeiros séculos do Egito cristão passa pelos debates ortodoxos do século IV, mesmo que o assunto seja o primeiro ou segundo século, a visão Eusébio contaminou a percepção do Egito ao longo dos séculos. Assim, o debate sobre a construção dessa história ortodoxizante eusebiana é uma necessidade para entender o Egito dos séculos I, II e III d.C.

REFERÊNCIAS

FONTE:

CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

EUSEBIUS. **The Ecclesiastical History, Volumes 1-2**. Translated by Kirsopp Lake, J.E.L. Oulton, H.J. Lawlor. London; New York; Cambridge, Mass: William Heinemann; G.P. Putnam's Press; Harvard University Press, 1926-1932.

BIBLIOGRAFIA:

BECCATI, Tercio Campana. **Raízes dos Cristianismos no Egito romano: Para além do relato da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia**. 2025. 99 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, 2025.

GRIGGS, C. Wilfred. **Early Egyptian Christianity: From Its Origins to 451 CE** (Brill's Scholars' List). Leiden: Brill Academic Publishers, 2000.

HEEVER, Gerhardus van der. Early Christian discourses and literature in North African Christianities in the context of Hellenistic Judaism and Graeco-Roman culture, in: BONGMBA, Elias Kifon (ed.). **Routledge Companion to Christianity in Africa**. London; New York: Routledge, 2016, p. 61-78.

HOEK, Annewies van den. **The "Catechetical" School of Early Christian Alexandria and Its Philonic Heritage**. Harvard Theological Review, Cambridge, v. 90, n. 1, p. 59-87, 1997.

LITWA, M. David. **Early Christianity in Alexandria: From its Beginnings to the Late Second Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

PEARSON, Birger A. **Earliest Christianity in Egypt: Some Observations**, in: GOEHRING, James E.; PEARSON, Birger A. **The Roots of Egyptian Christianity**. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

KYRIACOU, Chrysovalantis. **On the Origins of the Alexandrian School: Rhizomes, Episcopal Legitimation, and a Tale of Two Cities**. Religions, Basel, v. 14, n. 4, p. 482, 2023.

* * * * *